

Teatro do Tempo

Que tempos são esses em que sabemos mais sobre o Sr. Paul Cole – homem que apareceu por acaso na capa do disco *Abbey Road* dos Beatles – do que sobre o que vem se passando na vida da empregada doméstica que trabalha em nossa casa? Que tempos são esses em que recebemos e produzimos notícias as mais diversas, reais e fictícias, isoladamente diante das telas do computador e outros *gadgets*, muitas vezes ao lado de amigos e familiares? Que tempos são esses em que a cada dia tomamos conhecimento de que, segundo cientistas britânicos, uma grande porcentagem de pessoas que fazem o que quer que seja, ou que deixam de fazer outras tantas coisas, tem uma chance enorme de desenvolver câncer – signo da impotência humana diante do próprio corpo, tornado agora um estranho anexo que carregamos e que é capaz de multiplicar-se enlouquecidamente, voltando contra nós todos os ímpetos dos nossos desejos? Na contramão da banalização do conhecimento, gerada pela imensa quantidade de dados, informações, perguntas e respostas formulados todos os dias, e mencionados como mera ilustração efêmera e inconsequente da vida, o teatro pode engendrar um percurso diferente.

Em *Tempo real* somos postos diante de estatísticas com a profusão de números que invadem nossas vidas diariamente. Acontecimentos, nascimentos e mortes, ocorridos naquele dia e mês ao longo da história, são informados a partir dos dados da Wikipedia, colhidos dos *tablets* que os atores empunham. Projeções em vídeo dão conta tanto da situação do trânsito ao vivo, como das medidas dos bebês recém-nascidos que uma maternidade acaba de divulgar, a quem (des)interessar possa. O espetáculo do Teatro Voador Não Identificado, concebido¹ e dirigido por Leandro Romano, põe em cena notícias do cotidiano da cidade e do mundo, entrelaçadas, porém, a uma história ficcional (também no registro do cotidiano), que não é de amor, mas de coração, de lua, de música, de encontros. E de teatro, que aparece como tema e estatística. Em *Tempo real*, o teatro é continente e é conteúdo. O

tecido composto por Julia Bernat² resulta em um jogo vertiginoso que suspende toda possibilidade de diferenciar ficção e realidade.

Levar o cotidiano para o teatro implica em uma operação que importa aos atores Diana Herzog e Alonso Zerbino em todos os níveis da atuação. Seus corpos, suas vozes, sua percepção, sua inteligência são recrutados para uma atuação objetiva, em nome dessa cena que se cotidianiza – curiosamente para levar ao palco uma vida que, por seu turno, se espetaculariza. Seus nomes próprios são utilizados em um movimento jocoso de conferir veracidade aos depoimentos anunciados de antemão como invenção – ou, no sentido inverso, de evidenciar o caráter de ficção de que se reveste a vida mais narrada que experienciada. Diana e Alonso assumem, então, o duplo estatuto de ator-personagem, que, em certa medida, é ainda acrescido da função de espectador diante das notícias “da hora”.

O figurino de Gaia Catta trabalha na mesma direção, ao incluir, entre as vestimentas cotidianas, um relógio afixado à blusa de Alonso, que fornece a hora certa durante todo o espetáculo, interrogando mesmo a noção de “agora”: o tempo real e o tempo da ficção entrecruzam-se numa sucessão cambiante de ações e percepções que constroem o “agora” da cena, em uma montagem temporal caleidoscópica.

O espaço cênico é proposto conjuntamente tanto pela cenografia quanto pela iluminação de Elsa Romero e Isadora Petrauskas. Um retângulo inscrito no piso por meio de fitas de lâmpadas de LED (Light Emitting Diode) parece delimitar a área de atuação, mas pode ser francamente atravessado pelos atores, em seus deslocamentos. Pois o espaço inclui ainda tela de projeção e uma mesa com o computador que transmite os vídeos. E não só. A área reservada à assistência é incorporada à cena, ou melhor, não há, propriamente, separação entre os atores e o público; este, além de integrar os diálogos, permanece iluminado. E não poderia mesmo ser apagado por este espetáculo que interroga não apenas os limites entre ficção e realidade, e entre tempos múltiplos coexistentes, mas põe em questão também a categoria

ator-espectador, não como dicotomia, mas como inextricável relação. A plateia, de fato, atua, na medida mesma em que a cena a inclui e constrói delicadamente a sua participação. A plateia assume, assim, tanto quanto os atores, o estatuto de espectador-ator-personagem, que é ainda acrescido da inseparável função de cidadão. Ao teatralizar mais que a atualidade, o instante, cria-se um compartilhamento entre atores-espectadores-cidadãos não só em tempo real, mas em espaço comum. *Tempo real* reitera, portanto, a convicção de que, a despeito da exacerbação do individualismo vigente, o teatro viabiliza a experiência do coletivo.

Marta Metzler

Atuou como espectadora na apresentação do dia 06/10/2013, na Sala Glauce Rocha (Sala Cinza), por ocasião do FITU – Festival Integrado de Teatro da UNIRIO

¹ Com supervisão de Jefferson Miranda.

² Com supervisão de Luiz Antonio Ribeiro e colaboração de Alonso Zerbinato, Diana Herzog e Leandro

² Com supervisão de Luiz Antonio Ribeiro e colaboração de Alonso Zerbinato, Diana Herzog e Leandro Romano.